

# “De armas na mão pela liberdade”: Rachel de Queiroz e a representação da mulher idosa na sociedade contemporânea

Adriana Giarola Ferraz Figueiredo  
UEL

**Resumo:** O século XX, assim como o início do século XXI, é marcado por um montante de mudanças e pela velocidade das descobertas e das inovações. Os avanços tecnológicos, juntamente com o desenvolvimento da comunicação, cada vez mais ágil e veloz, deram ao homem moderno um novo perfil. Com o grande progresso tecnológico e comunicativo, a população se viu diante de novas tendências, de situações inusitadas, de diferentes perspectivas e, conseqüentemente, de uma nova realidade. Essas transformações marcaram esse período, promovendo questionamentos e rupturas acerca das práticas de dominação até então vigentes. E as relações existentes entre gênero e literatura não ficaram imunes a esses movimentos, constituindo-se objetos de investigação. A literatura acompanha o desenvolvimento das atividades humanas desde os primórdios da escrita, e esses registros, por sua vez, narram histórias de determinadas pessoas, comunidades ou nações, que utilizam essa representação simbólica a fim de serem ouvidas, reconhecidas e compreendidas. Nesse sentido, a escrita de Rachel de Queiroz ganha espaço e visibilidade, por meio de narrativas que retratam a visão e as experiências da mulher. Na crônica em estudo, especialmente a mulher de terceira idade. Assim, com a propagação dos estudos de gênero, a partir da década de 1980, as escritoras latino-americanas iniciaram um processo não só de relatar os acontecimentos sob sua ótica, mas, também, de relacioná-los às histórias sociais, focalizando características identitárias comuns e individuais das mulheres, além de buscar a construção de uma identidade própria. Nesse sentido, o objetivo do artigo proposto é investigar as representações de gênero a partir da crônica “De armas na mão pela liberdade”, de Rachel de Queiroz, analisando a representação da mulher idosa enquanto prática subversiva ao discurso dominante.

**Palavras-chave:** Crônica. Gênero. Identidade. Mulher. Velhice.

**Abstract:** *The twentieth century like the beginning of the twenty first century is marked by an amount of changes and by the speed of the discoveries and innovations. The technological advances together with the communication development, more and more agile and rapid, gave the modern man a new profile. With the big communicative and technological progress, the population found themselves before new tendencies, unaccustomed situations, different perspectives, consequently, a new reality. These transformations marked this period, promoting questioning and rupture about the domination practices valid so far. And the existing relations between gender and literature were not immune to these movements, consisting of objects of investigation. The literature accompanies the development of the human activities since the origin of the writing, and these records narrate stories of certain people, communities or nations that use this*

*symbolic representation in order to be heard, recognized and understood. In this way, Rachel de Queiroz's writing obtains space and visibility through narratives that retreat the woman's vision and experiences. In the studied chronicle, specially the third-aged woman. So, with the propagation of the studies of gender, from the 1980's decade on, the female Latin-American writers began a process not only to report the happenings by their point of view, but also to relate them to the social stories, focusing on women's common and individual identity characteristics, besides seeking the construction of their own identity. This way, the objective of the proposed article is to investigate the gender representation from the chronicle "De armas na mão pela liberdade", by Rachel de Queiroz, analysing the representation of the elder woman as subversive practice to the dominant speech.*

**Keywords:** *Chronicle. Gender. Identity. Woman. Oldness.*

### **“De armas na mão pela liberdade” (18-11-1995)**

Se o cotidiano se inventa de mil maneiras, também o homem deve preparar-se para enfrentar as mil faces do dia a dia. Diante das práticas diárias, as reações podem ser as mais diversas possíveis. É por meio das realizações corriqueiras que as personagens são construídas e desvendadas em cada contexto em que estão inseridas. Quer seja de forma ativa ou de forma passiva, há sempre uma ação e uma reação diante das ocorrências, pois os “novos tempos” nem sempre acolhem de forma satisfatória e aprazível aqueles que são os maiores envolvidos no seu desenrolar, ou seja, cada indivíduo que se encontra submerso na cotidianidade.

Para representar esse desenvolver das práticas diárias, a utilização do gênero crônica torna-se relevante, visto que o cronista tem a possibilidade de, a respeito da matéria do cotidiano, interpretá-la para si mesmo e, respectivamente, para os seus leitores, possibilitando, assim, uma leitura do real. Dessa forma, Rachel de Queiroz consegue imprimir no texto em estudo um comentário subjetivo a respeito do fato abordado por ela, e tenta repassar ao seu público leitor a sua impressão a respeito do ocorrido. Ela, uma velha escritora, ainda se choca com as adversidades enfrentadas pelas pessoas idosas, especialmente as mulheres.

Dar sentido ao mundo e ao lugar dos indivíduos, no caso, dos velhos, nesse mundo, é uma prática social estimulada, principalmente, nas relações que compõem o nosso cotidiano. Assim, quando diante de uma sociedade atribulada e perpassada por inúmeras, contraditórias e incansáveis inovações, percebe-se a fragilidade do idoso, principalmente a mulher senescente, nesse inevitável processo, uma vez que, de acordo com Berger e Luckmann (2001, p. 38), “a realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, construída por uma ordem de objetos que foram designados por objetos antes de minha entrada em cena [da entrada de cada indivíduo em cena]”. Dessa forma, aos velhos, cabe apenas a sobrevivência e a tentativa de uma adaptação a essa realidade.

Na crônica “De armas na mão pela liberdade”, texto encontrado no livro *Falso mar, falso mundo* (2002), Rachel de Queiroz coloca seu público leitor frente a frente com uma personagem representada por uma senhora de noventa anos totalmente desestabilizada perante as atrocidades dos novos tempos: uma idosa à beira de uma loucura em função da situação em que se encontra

nesse momento de sua vida. E se a literatura produzida por mulheres tem buscado sua autonomia, a partir de relatos da participação feminina em eventos diversos, retratando suas atuações no decorrer da história dos povos, aqui se configura essa nova postura.

A autora, incansável defensora da ideia de que a velhice não constitui algo bom e, muito menos, apropriado a qualquer pessoa, dá amostras de sua ranzinice, de seu descontentamento em relação a essa situação, e inicia o seu texto mostrando, mais uma vez, a sua perplexidade diante de um fato verídico: “Não estou inventando: saiu no jornal: ‘Em Porto Alegre, senhora de 90 anos (90, sim) arma-se com dois (dois!) revólveres e abre caminho para a rua, garantindo o seu direito de ir e vir’” (QUEIROZ, 2002, p. 115). De armas em punho, a protagonista da história em questão decide reivindicar um direito seu que deveria ser respeitado. No entanto, por se sentir lesada, resolve agir com as “armas” que possui. Assim, as mulheres buscam tornarem-se perceptíveis e reconhecidas, redirecionando vozes e olhares aliados a contextos ainda hoje atuantes sobre as práticas sociais.

Frente a esse melindre social da atualidade, o de, em algumas situações, não se permitir aos velhos a liberdade de transitar pelos ambientes sem a companhia de alguém que os esteja vigiando, a senhora apresentada por Rachel mostra-se consciente e preparada, mesmo que de forma inadequada, a fazer valer os seus direitos: “os revólveres, no caso, eram dois trinta-e-oito. Ou, como se diz na gíria, dois trezoiões. E tinham bala dentro, e a idosa dona, pelo jeito com que os empunhava, mostrava que sabia atirar” (QUEIROZ, 2002, p. 115).

Atualmente, o texto de autoria feminina retrata o ponto de vista da mulher, cuja representação encontra-se particularizada e especificada no eixo da diferença, de forma a construir a identidade de personagens que também constituem e constroem a história (e as suas próprias histórias). Nessa direção, a mulher se vê em determinado contexto social, histórico, político e econômico, que acompanhará os olhares femininos de modo mais subjetivo ou objetivo, conforme as intenções da escritura. E Rachel de Queiroz, na crônica em questão, apresenta-nos uma personagem idosa disposta a fazer valer a sua história de vida, que poderia ser a de tantas outras mulheres.

Trata-se de uma anciã que vive no porão de uma “casa de idosos”. Por receber apenas uma pensão de dois salários mínimos, não consegue pagar a mensalidade de um quarto normal, portanto, tem de adaptar-se a essa condição imposta pelo meio em que vive, sujeitando-se a coabitar um espaço *escuro e sem janelas*, a um preço *módico*, único valor que a intrépida senhora tem condições de quitar. Não possuindo outra fonte de renda, a aceitação das adversidades torna-se praticamente inevitável: “Uma das características marcantes da população idosa no Brasil é o baixo poder aquisitivo. Aposentadorias e pensões constituem sua principal fonte de rendimentos” (CHAIMOWICZ, 1998, p. 65). Desse modo, à incansável protagonista, resta, apenas, amoldar-se às intempéries cotidianas a que é submetida constantemente por parte daqueles que a rodeiam.

No entanto, adaptar-se não significa, necessariamente, concordar com todas as imposições que lhe são conferidas. Se nos dias atuais, a sociedade, hipócrita por conveniência, insiste em não permitir aos seus velhos a liberdade de transitar livremente, sem a tutela de outros, por onde quer que seja, não resta ao senescente outra saída se não a de “lutar” por esse direito. De todos os fenômenos contemporâneos, o menos contestável diz respeito ao envelhecimento da

população. Todavia, parece ser difícil admitir que tal fato aconteça para todos. Daí a prepotência por parte de determinadas pessoas em insistir em tirar dos senis a simples possibilidade de ir e de vir em um ambiente antes por eles vivenciado, modificado e reconhecido.

Segundo Simone de Beauvoir, quanto mais opulenta é uma sociedade, mais ela recusa aos seus velhos delectarem-se com a abundância dos frutos que os mesmos ajudaram a plantar. Durante a colheita, apenas uma “sobrevivência bruta” lhes é concedida. Na grande maioria das vezes, quando destinado a viver em pensões ou asilos, o idoso é

[...] vítima das pressões às quais é submetido. O regulamento é muito rigoroso, as rotinas rígidas; levanta-se cedo, deita-se cedo. Separado de seu passado, de seu ambiente, muitas vezes vestido com um uniforme, o velho perdeu toda a sua personalidade, não passa de um número. Em geral, as visitas são autorizadas todos os dias, e a família vem vê-lo de tempos em tempos: isso ocorre raramente, e, em certos casos, nunca há visitas. [...] Em geral, as saídas não são livres [...] o pensionista tem direito a uma tarde por semana. Ele não sabe o que fazer de seus dias (BEAUVOIR, 1990, p. 317-318).

No caso da protagonista da crônica “De armas na mão pela liberdade”, é exatamente isso que acontece, apesar de viver em um ambiente totalmente precário, extremamente quente no verão, e demasiadamente frio no inverno, a diretoria do lugar não lhe permite sair. A ela são negadas as mínimas condições de interação e de socialização. E tal ocorrência pode ser confirmada na voz da extasiada Rachel que, prontamente, sente-se tão injustiçada quanto a corajosa senhora de noventa anos e acaba deixando transparecer toda a sua indignação diante do sucedido e das consequências de se chegar a essa fase da vida e de esbarrar nas restrições impostas:

[...] a direção a proibia de sair, receando que, assim idosa, ela se perdesse na rua, sofresse algum acidente ou assalto. Na mentalidade da maioria das pessoas, velho é pra viver preso, na casa, no quarto; o ideal é uma cadeira de rodas, mas nem sempre a conseguem. E o infeliz do idoso quase nunca pode se defender da solicitude dos mais moços, filhos, parentes, guardiões; ‘Não coma esse doce, olha o diabetes!’ (como se o doce fosse arsênico). ‘Cuidado, não vá tropeçar!’ ‘Calma, segure bem no corrimão!’ ‘Olha o buraco na calçada, veja onde está pisando!’ E os mais solícitos ou mais medrosos nos seguram com tanta força o braço que até parecem estar carregando às grades um preso renitente (QUEIROZ, 2002, p. 116).

Uma vez incorporadas as transgressões, o eu do cronista deixa transparecer toda a sua indignação frente às imposições desencadeadas no dia a dia da nobre anciã. É como se estivesse presenciando aquilo que poderia ser parte de sua própria vivência. Desencadeada a memória e a percepção do presente, as experiências corriqueiras do passado chocam-se com as impossibilidades estabelecidas pelos novos tempos, abrindo espaço a um saudosismo e, igualmente, a certa revolta diante da obscuridade que permeia os dias do ser de terceira idade: “Imagine o grau de indignação, de constrangimento, de ‘cólera que espuma’, como dizia o soneto, que sufocava o coração da nossa heroína. A vontade louca de ver o céu, luz, rua, pessoas desconhecidas, e não as caras severas dos seus guardiões” (QUEIROZ, 2002, p. 116).

“Talvez a loucura represente, em alguns casos, a única posição de onde as mulheres possam expressar sua revolta, mas também suas emoções, seu entusiasmo e criatividade dentro de uma estrutura patriarcal”. (SCHNEIDER, 2000, p. 123-124). Assim, a representação do conflito de identidade possibilita a visualização de questões que permeiam o sujeito feminino em suas experiências e trazem à tona toda a problemática “que o sujeito feminino enfrenta dentro da sociedade patriarcal” (SCHNEIDER, 2000, p. 129), declaradamente reforçada quando essa mulher é uma senhora de noventa anos.

Como mais uma característica do mundo moderno e parte das particularidades da contemporaneidade, surge, também, na crônica estudada, a questão da solidão, sentimento, muitas vezes, inerente aos indivíduos, especialmente aos de idade mais avançada, contudo, geralmente reforçado pela sociedade. Quando o ancião tem um companheiro para dividir os últimos momentos de sua vida, todas as improbidades dessa fase são superadas de uma maneira menos agressiva. De diferente modo, se a velhice é vivida sem a possibilidade do compartilhamento das últimas sensações e dos últimos instantes, mais difícil ainda se torna encarar a sucessão de acontecimentos que norteiam essa etapa.

Se por um lado a ambiguidade das relações entre os velhos não lhes proporciona experiências agradáveis, visto que permite que os mesmos enxerguem no companheiro um espelho, no qual é possível perceber os sinais da senilidade, por outro, os mesmos “têm prazer em estar juntos, na medida em que têm lembranças e uma mentalidade comum” (BEAUVOIR, 1990, p. 578). Assim sendo, a solidão em função da não presença de um consorte para dividir as felicidades e os devaneios derradeiros provoca sensações marcantes de tristeza e de abandono, desestabilizando mais ainda o já conturbado mundo feminino senil.

De acordo com Flávio Chaimowickz (1998), na sociedade moderna, a presença do cônjuge é muito importante para a segurança e a estabilidade financeira, afetiva e emocional dos idosos. Ainda sob as perspectivas do estudioso, são as mulheres velhas que mais sofrem na presença dessa situação. Na crônica em questão, a personagem principal vivencia essa condição:

No jornal de Porto Alegre diz-se que ela é solteira, ou ‘inupta’ (a que não convolou núpcias), segundo a fórmula legal. Fadada a viver sozinha, na sua solidão, sem nem ter a companhia de outros velhos, de um companheiro ao seu lado, que lhe fizesse massagens contra reumatismo, com quem dividisse a surdez, as deficiências visuais; ou viúva que fosse, tivesse do companheiro as perenes lembranças de uma vida comum, até mesmo lembranças de amor (QUEIROZ, 2002, p. 116).

No caso da audaciosa senhora de noventa anos, essa é mais uma de suas realidades. Não ter contraído núpcias torna-a mais solitária ainda frente ao isolamento já imposto pelo meio em que vive, em função da sua idade. A velhice em si já se configura um momento de perdas e de separações. Para a protagonista, isso se torna mais acirrado, pois, além de lutar contra o medo do silêncio, da escuridão, dos barulhos e das luzes que a cercam no porão em que vive (situações que se confundem e que confundem os idosos), sendo “velada” por guardiões praticamente alheios e indiferentes ao que corresponde a sua realidade, cabe, também, a desilusão por se encontrar totalmente só, sem nem mesmo a presença de um parceiro.

Certamente a protagonista vive oprimida, quando não, aturdida, pela sensação de isolamento e de vácuo na alma. Os amores profundos, aqueles que geralmente ficam no passado e são evocados quando a necessidade exige, nem isso lhe é possível. No caso em questão, a única possibilidade de invocação desse sentimento aparece de passagem, numa prosa quase gélida, para confirmar que a personagem não os possui e nem os possuiu. Já no tempo presente, resta-lhe apenas o sentido efêmero de todas as paixões e de todos os vínculos que lhe pudessem ter sido atribuídos algum dia.

Quando não há mais possibilidade de se encontrar e de usufruir na senescência a exterioridade, ou seja, os benefícios do corpo, o que se busca na interioridade torna-se frustrante. Se o que se encontra de mais forte acaba sendo a solidão, sentimento, no caso da personagem de Rachel de Queiroz na crônica em estudo, que parece ser o que assola de forma mais exasperada o cotidiano da pobre anciã, as respostas aos anseios e às necessidades podem não ser muito adequadas nem tão equilibradas:

O sentimento de solidão ocorre em um outro momento: quando se procura companhia e não se acha; quando as palavras necessitam de um ouvido para se tornarem comunicação, e permanecem ruminação; quando a dor, a saudade, a mágoa tornam-se muito pesadas por falta de um ombro amigo onde derramar lágrimas; quando o alegre e o pitoresco são percebidos ou lembrados, mas não se atualizam em um rir junto; quando já não se conta inteiramente com alguém e em ninguém se consegue confiar. Na velhice, a solidão pesa. Não é apenas um sentimento, é um estado, uma maneira de ser – a solitária maneira de ‘ser-velho’ em nossa sociedade (BARRETO, 1992, p. 30).

Claramente, a viuvez, a falta de um companheiro ou de uma companheira e a ausência de um parceiro amoroso tornam a solidão dos velhos ainda mais profunda. E, no caso da senhora do texto, a única saída para se livrar da solidão do porão foi enfrentar os seus opositores e os caprichos da vida moderna usando o único recurso de que dispunha: as armas deixadas por seu falecido pai.

A autora, em “De armas na mão pela liberdade”, também faz uso da ironia quando fala das atuais campanhas de caridade “em prol da terceira idade”. A cotidianidade exige de seus figurantes algumas adaptações a convenções que se configuram imprescindíveis para o desenvolvimento da sociedade. Certos modismos tornam-se necessários para que a inclusão dos indivíduos seja considerada pertinente. Com os idosos isso não é diferente. Para se criar uma imagem de possível aceitação e de interação, algumas situações são criadas para que se tenha a impressão de que, na modernidade, ainda há lugar para os senis:

[...] eles brincam carinhosamente com a idéia de dois velhos dançando (na televisão, os velhotes dançarinos sempre ensaiam um tango argentino e são vestidos à moda de 1925, ela já de saia meio curta de melindrosa e ele de colete e polainas!). Botam os velhos para estudar vestibular, ou para fazer ioga, para treinar pintura a óleo (flores e paisagens rústicas), a cantar em coros etc. etc. (BEAUVOIR, 2002, p. 116-117).

No entanto, a escritora rebate essas proposições, alegando que nada disso permite que o sujeito idoso se sinta inserido no contexto ou participante ativo da nova realidade social, pois o que ele realmente quer é ter o direito de resolver por si mesmo o que deseja ou não fazer. Tomar as próprias decisões é o que realmente conta para que a senilidade seja encarada de uma maneira menos dolorosa:

Ninguém parece entender que a primeira condição para o velho não se sentir tão velho é deixá-lo sentir-se livre. Resolver seus problemas pessoais; ser ele próprio quem conte os seus sintomas ao médico, ser ele próprio quem decide se toma ou não os remédios prescritos – como faz todo mundo. Deixar que ele se liberte um instante ao menos da tutela dos ‘entes queridos’ e não lhe ralhar se ele, liberado der uma topada, um tropicão, no exercício dessa liberdade. Deixá-lo que durma só, que não lhe apareça ninguém no quarto à meia-noite, perguntando se ele está insone (está muito feliz, lendo), se esqueceu de tomar o Lexotan... (QUEIROZ, 2002, p. 117).

Na ânsia de expor sua opinião e seus sentimentos em relação à situação da destemida senhora que mobilizou a cidade de Porto Alegre por uma façanha considerada não apropriada para uma pessoa dessa idade, a autora usa a sua autoridade de cronista e os seus próprios sentimentos para falar sobre os anseios das pessoas velhas que participam dessa nova realidade imposta pela cotidianidade. Dessa forma, de acordo com Walter Benjamin (1975), em sua posição de narradora, Rachel acaba enriquecendo a sua própria verdade com aquilo que vem a saber por meio dos acontecimentos diários. Ao narrar o ocorrido com a senhora de Porto Alegre, acaba incorporando o episódio a sua própria vida. E, se a autora se encontra nessa situação, faz questão de compartilhá-la com os seus leitores, porque sua vida acaba sendo consumida inteiramente em sua narração.

Por meio dessa crônica bem-humorada e, ao mesmo tempo, carregada de certa tensão, Raquel deixa claro que, diante dos novos tempos, às vezes a senilidade pesa e força o ancião a admitir que o mundo, de certa forma, não precisa mais dele. Por isso, algumas decisões podem não parecer apropriadas, mas, tornam-se o único meio de se fazer valer alguns direitos.

Quando “nada mais lhes interessa, nada mais os solicita, não têm mais projetos; o mundo lhes parece um cenário de papelão, e eles mesmos parecem mortos-vivos” (BEAUVOIR, 1990, p. 564), decisões extremas parecem ser a única saída. E, quando a vigilância não mais é praticada pelos seus e passa a ser realizada por estranhos que se sentem no direito de decidir por quem já viveu uma vida inteira, situações extremadas parecem ser mesmo a derradeira forma de se tentar reverter algumas circunstâncias inaceitáveis na velhice.

E Rachel, com toda sua parcialidade diante da situação dos idosos, encerra a crônica “De armas na mão pela liberdade” manifestando abertamente a sua posição de cidadã pasmada perante as imposições do mundo dito moderno quando em face das conveniências delegadas aos indivíduos de terceira idade: “Ah, como a gente entende a velha pistoleira do Rio Grande do Sul!” (QUEIROZ, 2002, p. 117). E segue ironicamente demonstrando que a cotidianidade pode ser cruel quando assim deseja, mesmo que isso remonte a uma simples questão, como o fato de se ter um antigo baú em casa. Segundo a autora, por mais comum que possa parecer um ato, ser uma mulher velha em uma sociedade totalmente nova nunca será algo fácil e nem tampouco tranquilo:

E agora, então, as coisas devem ter piorado. Já que a nossa nonagenária pistoleira e fujona confessou que guardava as armas num velho baú. Cuidado, velhos e velhas, meus colegas: vocês vão ver que, de hoje em diante, ninguém mais vai nos deixar possuir um baú! (QUEIROZ, 2002, p. 117).

Segundo Navarro (1995), um discurso ficcional renovado, uma nova visão da mulher, uma crítica à história oficial e às normas aceitas até então surgem a partir de personagens que apresentam uma mulher com voz própria, autônoma e verdadeira e, conseqüentemente, uma nova literatura de autoria feminina, sendo traçada por meio de escritos que apresentam ao público leitor um novo momento, em que os questionamentos são constantes e possibilitam o conhecimento de personagens reconfiguradas e capazes de representar toda uma geração. No caso da crônica estudada, a representação da mulher idosa enquanto prática subversiva ao discurso atual e dominante.

## Referências

- BARRETO, Maria Leticia. *Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1992.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: observações acerca da obra de Nicolau Lescov. In: \_\_\_\_\_. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 63-81.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 3. ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1976.
- CHAIMOWICZ, Flávio. *Os idosos brasileiros no século XXI: demografia, saúde e sociedade*. Belo Horizonte: Postgraduate, 1998.
- NAVARRO, Márcia Hoppe. Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea. In: \_\_\_\_\_. NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- QUEIROZ, Rachel de. *Falso mar, falso mundo*. São Paulo: Arx, 2002.
- SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: \_\_\_\_\_. PETERSON, Michel (Org.). *As armas do texto*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

**Adriana Giarola Ferraz Figueiredo**

---

Graduada em Letras (UEL/1999), Especialista em Literatura Brasileira (UEL/2002). Mestre em Letras (UEL/2007) e Doutoranda em Letras (UEL.)

*Recebido em 20 de outubro de 2012  
Aceito em 01 de dezembro de 2012.*